



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Prette, Zilda A P. Del; Prette, Almir del; Barreto Mendes, Maria Cecília; Bandeira, Marina; Rios Saldaña, Maria Refugio; Ulian Alcântara Oliveira, Ana Lucia; Gerk-Carneiro, Eliane; Falcone O, Eliane Mary de; Villa Bratfisch, Miriam

Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo Multicêntrico

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 3, 2004, pp. 341-350

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817307>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo

Zilda A P. Del Prette^{1,2}

Almir Del Prette

Maria Cecília Mendes Barreto

Universidade Federal de São Carlos

Marina Bandeira

Universidade Federal de São João Del Rei

Maria Refúgio Ríos-Saldanha

Universidade Nacional Autônoma do México

Ana Lucia Alcântara Oliveira Ulian

Universidade Federal da Bahia

Eliane Gerk-Carneiro

Universidade Gama Filho

Eliane Mary de O. Falcone

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Miriam Bratfisch Villa

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Resumo

Habilidades sociais que ocorrem com alta freqüência e pouca variabilidade podem ser consideradas como padrões, cultura ou subcultura que são importantes na seleção de instrumentos de avaliação e no planejamento de intervenções. Este estudo teve como objetivo caracterizar o repertório de habilidades sociais de estudantes de Psicologia com base em amostras de 4 localidades: São Paulo (SP), Bahia (BA), Minas Gerais (MG) e Rio de Janeiro (RJ), verificando diferenças entre elas, inclusive em termos da influência do sexo e da idade. Trinta e seis estudantes responderam 1 inventário de auto-relato *IHS-Del-Prette & A. Del Prette, 2001*, cujo resultado é dividido em 5 fatores: F1) enfrentamento e auto-affirmação; F2) expressão de afeto positivo; F3) conversação e desenvoltura social; F4) lidar com pessoas desconhecidas e situações novas; e F5) autocontrole da agressividade. Com base no escore geral (EG) e escores fatoriais, foram efetuadas análises comparativas por localidade e, em cada uma delas, por sexo e idade (ANOVA seguida de testes de Tukey). Os resultados indicaram que: a) os estudantes de Psicologia apresentaram escores mais altos que os da amostra normativa, com exceção de F2 e F5, mas as diferenças de sexo seguiram os padrões normativos; b) houve influência da localidade e da idade nos escores, com interação local-sexo e local-idade; c) as amostras de MG, BA, RJ e SP apresentaram perfil semelhante, com exceção de SP que apresentou escores mais altos no F1, MG e SP no F2 e F5; d) houve mais diferenças de gênero na BA e menos no RJ, ocorreram diferenças de idade entre SP e RJ, e diferenças de sexo entre SP e RJ. Discute-se as implicações das diferenças encontradas, levantando-se hipóteses e questões para pesquisa adicionais.

Palavras-chave: Habilidades sociais; cultura; estudantes de Psicologia; escalas de avaliação.

Social Skills of Psychology Undergraduates: A Multicentered Study

Abstract

Social skills occurring in a high frequency and low variability can be taken as patterns, suggesting cultural or subcultural importance when selecting instruments for evaluation and planning interventions. This research aimed to characterize the repertoire of social skills of Psychology students from 4 Brazilian places: São Paulo (SP), Bahia (BA), Minas Gerais (MG) and Rio de Janeiro (RJ), verifying differences among them, including sex and age influences on their patterns. Five hundred sixty four Psychology undergraduates completed the inventory (*IHS-del-Prette*) with a structure of 5 factors: F1) coping and assertion; F2) expressing positive affect; F3) social conversation and fluency; F4) dealing with unknown people and new situations; F5) aggressiveness self-control. The samples were divided into 4 groups according to the place: SP, BA, MG and RJ. The results indicated that: a) Psychology students presented higher scores than the normative sample, except for F2 and F5, but sex differences followed the normative pattern; b) there was influence of place and age on the scores, with interaction place-sex and place-age; c) the samples of MG, BA, RJ and SP presented similar profiles, except for SP that presented higher scores in F1, MG and SP in F2 and F5; d) there were more differences of gender in BA and less in RJ, differences of age between SP and RJ, and differences of sex between SP and RJ. The implications of the differences found are discussed, as well as hypotheses and questions for further research.

A avaliação do repertório de habilidades sociais pode focalizar aspectos observáveis ou não observáveis do comportamento. Os aspectos observáveis referem-se às classes comportamentais amplas ou molares como fazer e responder (a) cumprimentos e elogios, expressar opiniões e discordâncias, iniciar, manter e encerrar conversações, fazer críticas e responder a elas etc. e, também, a seus componentes moleculares verbais e não-verbais, como de tom de voz, contato visual, gestos, postura etc. Os aspectos não diretamente observáveis incluem pensamentos, percepções, representações etc, que precedem, acompanham ou seguem o desempenho social.

Dada a amplitude das dimensões associadas aos conceitos de habilidades sociais e de competência social, justifica-se a existência de vários métodos de avaliação. Os instrumentos usuais de avaliação incluem o relato por significantes (inventários, questionários, roteiros de entrevistas), a observação direta (registros cursivos de episódios ou classes específicas de comportamentos, em situação natural e/ou em situações estruturadas de desempenho de papéis) e o auto-relato (inventários, questionários e roteiros de entrevistas).

Os registros de observação fornecem importantes subsídios para se examinar a funcionalidade do desempenho social em diferentes contextos e com diferentes interlocutores, mas requerem uma sofisticada metodologia de análise (um exemplo dessa metodologia pode ser encontrado em Bandeira, 1999; Bandeira & Tremblay, 1998), que restringe sua aplicação em larga escala com objetivos normativos. Nesse caso, o instrumento mais viável, e mais comumente utilizado, tem sido o inventário, com questões que contemplam uma diversidade de demandas, interlocutores e situações.

Embora o máximo da competência social implique em uma maior flexibilidade comportamental, própria da capacidade adaptativa do ser humano, as pessoas não são igualmente “habilidosas” nas diferentes situações interpessoais e os desempenhos socialmente aprovados e valorizados podem variar bastante de uma cultura para outra. Esse caráter situacional-cultural da competência social opõe-se à noção de “traços de personalidade” (McFall, 1982), implicando na necessidade de se lidar com a variedade cultural.

sobre padrões desenvolvimentais e de gênero, necessariamente ser diferenciados quando de referência. As diferenças na competência social entre homens e mulheres ocorrem desde a infância (Lentini, 2002), embora localizadas em fatores ou contextos. Caballo (1993) cita vários estudos que mostram as mulheres como mais habilidosas na expressão de sentimentos e os homens na expressão de sentimentos. A habilidade de fazer solicitações, o que também é comum em estudos realizados no Brasil (Z. Del Prett, 2001). Em resumo, as variáveis sexuais e de gênero afetam o desempenho social, porém o peso de cada uma pode ser diferente sob contextos culturais e de gênero.

A freqüência com que determinadas habilidades são observadas pelos indivíduos de um grupo ou contexto pode ser considerada um indicador dos comportamentos efetivos e desejados em um contexto e pode ser tornada como referência para o afastamento, ou aproximação, de um indivíduo específico em relação às expectativas de seu grupo. O afastamento ou aproximação tanto de déficits de observação, percepção social e controle sobre o próprio comportamento quanto de suas concepções e valores divergentes do padrão de cultura do próprio grupo. Certos indivíduos, mesmo inovadores e, mesmo, idiossincráticos, podem ser aceitos nos padrões sociais e, também, nos valores de certos grupos. Um exemplo foi o movimento *hippie*, considerados como contracultura na época, que foram incorporados pela sociedade.

A busca dos padrões normativos de uma cultura pode variar entre variantes das subculturas nela existentes terrena e entre contextos transculturais usualmente direcionados para a validação de instrumentos de avaliação de competências sociais ou com objetivos de orientação social, visando a convivência e o ajustamento entre pessoas de diferentes culturas (Ex.: Bresnahan, Shear, Carmona & Lorr, 1992; Fray & Hector, 1989; Nikura, 1999; Wood & Mallinckrodt, 1993; Tanaka, 2001). Além desses objetivos, diferentes culturas podem ter diferentes

competentes, não obstante a especificidade situacional sob cada uma delas³.

A diversidade cultural, amplamente reconhecida em nosso país e representada no cinema, na literatura, na música e em estudos antropológicos e sociológicos, sugere costumes, valores e crenças que podem afetar as características do desempenho social de subculturas regionais. Embora fundadas em um certo folclore e reforçadas por estereótipos, a forma como se traduzem, no cotidiano das relações interpessoais, as diferenças de desempenho social entre nortistas, nordestinos, sulistas etc., ou entre mineiros, gaúchos, cariocas, paulistas, baianos etc., não têm recebido muita atenção na literatura psicológica.

Assim, além de prover informações técnicas sobre as qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados, a análise dessas diferenças pode ser importante na compreensão dos padrões de relacionamento predominantes sob essas subculturas e na inferência de valores e normas comuns, ou específicos, que influem no desempenho social. O controle das variáveis sexo e idade permitira, nesse caso, examinar as relação entre essas variáveis pessoais e as características contextuais ou culturais mais amplas.

Nos estudos de larga escala, uma população bastante estudada é a de estudantes universitários: nos anos 1970 e 80 especialmente nos Estados Unidos (Chandler, Cook & Dugovics, 1978; J. Galassi, Delo, M. Galassi & Bastien, 1974) e na Inglaterra (Argyle, 1984, 1988; 1994; Bryant & Trower, 1974); posteriormente, também em outros países (Abarca & Hidalgo 1989; Caballo, 1995; Hidalgo & Abarca, 1990), incluindo-se o Brasil (Ayres, 1994; A. Del Prette, 1978; Z. Del Prette & A. Del Prette, 1983; Falcone, 1998). Esses estudos adquirem particular importância quando se considera que a formação de terceiro grau deveria incluir o desenvolvimento interpessoal como parte dos objetivos acadêmicos (Z. Del Prette & A. Del Prette, 1983), principalmente naquelas áreas cuja atuação depende, criticamente da qualidade das relações profissional-cliente (A. Del Prette, A. & Z. Del Prette, 2001; A. Del Prette, Z. Del Prette & Branco, 1992a). Esse é o caso, por exemplo, da formação em Psicologia.

Em estudos nacionais sobre o desempenho interpessoal

Del-Prette (Z. Del Prette & A. I. Del-Prette, 1999) evidenciou propriedades psicométricas satisfatórias. Em termos de estabilidade temporal, para as medidas, um estudo de intervenção (Z. Del Prette & Barreto, 1999), com medidas tomadas a um intervalo de 6 meses, mostrou que Del-Prette indicaram diferenças estatisticamente significantes entre as medidas experimentais, mas não para o IHS-Del-Prette, coerente com dados de observação de comportamentos dos participantes e seus relatos. A validade do IHS-Del-Prette foi demonstrada em termos de consistência interna, validade das medidas de habilidades sociais (Costa, 2001b) e até de fatores de personalidade (Costa & Oliveira, 2001). Um estudo de validade (Bandeira, Costa, Z. Del Prette & Carneiro, 2000) forneceu evidências de validade teste-reteste ($r=0,90$; $p=0,001$) e de validade confirmatória da estrutura fatorial ($r=0,79$; $p=0,01$) com o Inventário de Habilidades Sociais (1973). Embora não se disponha de estudos acima reportaram um nível de validade fatorial encontrada na amostra norte-americana.

Dadas as considerações anteriores, por objetivos: a) caracterizar, com o repertório de estudantes de psicologia brasileiras (três da região sudeste), suas diferenças em relação à amostra; b) analisar o efeito da localidade e da idade, sexo e idade sobre cada uma das características das subculturas locais; e c) analisar as diferenças eventualmente encontradas entre os resultados para as qualidades de Prette e para novos estudos na área.

Méto

Participantes

Tabela 1
Características Sócio-demográficas da Amostra Brasileira Avaliada

Localidade	N (%)	Idade(anos) Méd (DP)	Sexo		Momento no C	
			Masculino N (%)	Feminino N (%)	Início N (%)	Final N (%)
MG	100 (0,18)	21,60 (2,37)	14 (0,14)	86 (0,86)	50 (0,50)	50 (0,50)
BA	132 (0,23)	21,12 (1,89)	31 (0,23)	101 (0,77)	58 (0,44)	77 (0,67)
SP	219 (0,39)	20,42 (1,73)	34 (0,15)	184 (0,85)	125 (0,57)	99 (0,43)
RJ	117 (0,21)	21,53 (2,14)	21 (0,18)	94 (0,80)	61 (0,52)	55 (0,48)
Total	564 (0,99)	21,02 (2,04)	99 (0,17)	465 (0,83)	294 (0,52)	254 (0,45)

Tabela 2
Matriz de Correlação entre as Variáveis Dependentes do Estudo

Variável Dependente	F1	F2	F3	F4	F5
Escore	0,76**	0,61**	0,74**	0,61**	0,09*
F1		0,23**	0,38**	0,50**	-0,01
F2			0,36**	0,20**	0,06
F3				0,37**	0,09*
F4					0,02

Nota. ** Correlação significativa a 0,01 (2-tailed); * Correlação significativa a 0,05 (2-tailed).

representa em torno de 20% da amostra total. A média geral de idade foi de 21 anos, com pequena variação: de 20,42 (SP) a 21,60 (MG). Em todas as amostras, apenas 1/4 de respondentes é do sexo masculino, como é usual nos Cursos de Psicologia. A distribuição início-término é razoavelmente equilibrada em todas as amostras.

Instrumento

Na coleta de dados foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais, em uma versão de 42 itens que apresentou satisfatória consistência interna ($\alpha=0,8585$; $N=474$). No entanto, como os estudos sobre a sua estrutura fatorial basearam-se na versão de 38 itens (quatro a menos), publicada como IHS-Del-Prette (Del Prette, Z. & Del Prette, A., 2001), optou-se por analisar somente os dados referentes a esses 38 itens que, neste estudo, apresentaram consistência interna semelhante ($\alpha=0,8326$; $N=545$).

para a obtenção do escore). A segunda parte do questionário contém um cabeçalho para a coleta de informações sociodemográficas e uma tabela para a anotação das respostas, para a obtenção da frequência.

Os estudos com o IHS-Del-Prette indicaram que o instrumento é composto por cinco fatores, com consistência interna satisfatória (alpha de Cronbach=0,75) e para cada um deles existem subescalas: F1) auto-afirmação e enfrentamento social ($\alpha=0,9650$); F2) auto-afirmação na expressão de sentimentos ($\alpha=0,8673$); F3) conversação e desenvoltura social ($\alpha=0,8585$); F4) auto-exposição a desconhecidos ou estranhos ($\alpha=0,7525$); F5) autocontrole da agressividade e assertividade ($\alpha=0,7413$). A correlação entre os fatores bem como entre os quatro primeiros fatores e a escala total do IHS-Del-Prette é altamente significativa. As correlações entre os fatores e a escala total do IHS-Del-Prette foram também verificadas no presente estudo.

Inicialmente, criou-se um banco de dados no programa SPSS, com as informações obtidas diretamente no IHS-Del-Prette (localidade, idade, sexo, momento do curso e as respostas aos 38 itens). Em seguida, calculou-se escore geral (soma das respostas aos 38 itens) e os cinco escores fatoriais de cada estudante, segundo as instruções do manual (Z. Del Prette & A. Del Prette, 2001) bem como a identificação, separadamente por sexo, dos seus percentis correspondentes. Apesar da recomendação de que o inventário fosse respondido em sua totalidade, alguns estudantes não o fizeram e, por isso, ao se apresentar as estatísticas descritivas (valor médio e desvio-padrão), foi incluído o número de estudantes em cada caso.

Foram efetuadas análises múltiplas de variância (ANOVA) para verificar a significância dos efeitos de cada uma das variáveis independentes (localidade, sexo e idade) sobre as variáveis dependentes (escores fatoriais) e a interação entre eles. A decisão de se usar a ANOVA ao invés da MANOVA e de não se realizar uma MANOVA prévia baseou-se na análise de Hubert e Morris (1989), que questiona a adequação e a lógica do uso, bastante generalizado na pesquisa psicológica, da combinação entre MANOVA e ANOVA e explicita as condições em que um ou outro procedimento é mais adequado. Assim, apesar da correlação significativa entre as variáveis dependentes, o uso da ANOVA se justifica, neste estudo, com base em pelo menos por duas razões apontadas por aqueles autores: a) o objetivo foi comparar variáveis de resultados mais do que buscar uma combinação dessas variáveis para produzir um constructo subjacente ou um agrupamento de variáveis dependentes; b) este estudo possui uma natureza exploratória devido à escassez de pesquisas prévias sobre as relações que estão sendo investigadas e sua correspondência com constructos subjacentes.

Os efeitos significativos da análise de variância foram analisados *post-hoc* com contrastes entre as médias de sexo e idade (Scheffé ou o teste Tukey). Na análise das diferenças entre os escores fatoriais, o Teste t que leva em conta a diferença entre os escores de dois grupos, típica dos cursos de Psicologia, em que cada amostra foi subdividida em duas (os mais jovens, com 20 anos) e os mais velhos (acima de 20 anos), as proporções que variaram de 40% a 60% em cada grupo, ao outro.

Resultados e discussão

Os dados descritivos gerais das habilidades sociais da amostra, subdividida por sexo, estão apresentados na Tabela 3, com indicações da média, desvio-padrão, posição percentil do escore geral e a sua variação em relação aos padrões normativos (Z. Del Prette & A. Del Prette, 2001).

Os resultados situaram a amostra acima da mediana percentil mediana ou acima da mesma em todos os escores, para os escores F1, F3 e F4, com exceção do escore F5, que os sexos apresentando escores abaixo da mediana percentil. As palavras, em relação à ambição de se comunicar com outras pessoas, os estudantes de Psicologia se perceberam com menor frequência de habilidades assertivas (F1) e de autoestima (F2), maior desenvoltura social (F3) e de autoconceito (F4), menor frequência de habilidades assertivas (F5) e menor expressão de afeto positivo (F4) e maior expressão de afeto negativo (F5). Pode-se concluir que, embora os estudantes de Psicologia se perceberem extrovertidos em relação às demais profissões, existem diferenças entre os sexos.

Tabela 3

Dados Descritivos (N= Número de respondentes; M= Média; DP= Desvio Padrão) da Amostra, por Geral e Escores Fatoriais, com Indicação da Posição Percentil em que se Situam

Variáveis dependentes	Sexo	n	M
-----------------------	------	---	---

desenvoltura social, os estudantes de Psicologia seriam menos expressivos nos sentimentos positivos e negativos.

Em relação ao sexo, a ANOVA mostrou diferenças significativas para F1 ($F=19,364; p=,000$); F2 ($F=12,915; p=,000$); F4 ($F=4,438; p=,036$) e F5 ($F=12,967; p=0,000$). A direção dessas diferenças (*Teste t*, variâncias não assumidas como iguais) foi favorável ao sexo feminino no F2 ($t=-3,614; p=0,000$) e ao sexo masculino no F1 ($t= 4,220; p=0,000$), F4 ($t=2,206; p=0,029$) e F5 ($t=3,601; p=0,000$). Esses resultados são semelhantes aos da amostra normativa, exceto pelo acréscimo de F4. Pode-se concluir que, embora os dois grupos sejam bastante habilidosos diante de situações que requerem “traquejo social”, os do sexo masculino seriam ainda mais em relação aos do sexo feminino do que o seu grupo de referência. Por outro lado, as alunas de Psicologia não diferiram das universitárias em geral ao apresentarem maior freqüência de habilidades sociais de expressão de afeto positivo (F2) que os estudantes do sexo oposto.

A variável idade apresentou efeito significativo somente no F4 ($F=6,221; df=559; p=0,013$), com a diferença entre os dois grupos (*Teste t*, variâncias não assumidas como iguais) ocorrendo em direção contrária à que normalmente se esperaria com base na literatura (Caballo, 1993): os estudantes mais novos

apresentaram escores mais altos que os estudantes mais velhos ($t=2,490; df=564; p=0,019$). Pode-se supor que a amplitude de idade foi muito pequena e os estudantes que vivem situações e demandas razoavelmente semelhantes a essas variáveis podem estar associadas a tais efeitos.

A análise das interações entre localidade e sexo mostrou-se significativa para localidade/idade ($F=3,791; p=0,10$). A comparação entre as amostras das diferentes localidades, quanto a idade, é apresentada, a seguir.

Os dados descritivos dos escores fatoriais para as diferentes localidades são apresentados na Tabela 4.

As diferenças entre localidades (ANOVA) para F1 ($F=3,721; p=0,011$), F2 ($F=10,086; p=0,000$) e F5 ($F=3,601; p=0,001$). A análise de *post-hoc* indicou que, no caso de F1, os estudantes de RJ apresentaram escores mais altos que os de MG ($p=0,044$). No F2, MG apresentou escore mais baixo que RJ ($p=0,000$) e BA ($p=0,007$). No F5, RJ apresentou escores mais altos que MG ($p=0,012$) e SP ($p=0,039$). Pode-se supor que os estudantes cariocas se percebem como mais expressivos que os demais e que estes seriam mais novos nesse aspecto. Os estudantes mineiros se apresentaram mais novos.

Tabela 4

Dados descritivos (N = Número de respondentes; M = Média; DP = Desvio Padrão) dos Escores Fatoriais de cada Amostra

Variável Dependente	MG			BA			SP			N
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	
F1	100	9,30	3,16	131	9,16	3,02	215	9,31	2,68	117
F2	100	9,51	1,75	130	8,54	1,98	219	8,93	1,76	117
F3	100	1,14	,75	131	,79	,79	219	1,05	,64	117
F4	100	3,43	1,23	131	1,32	1,32	218	3,63	1,22	117
F5	100	1,13	0,75	131	0,79	0,79	219	1,05	0,63	117

Tabela 5

Dados Descritivos (N = Número de respondentes; M =Média) dos Escores Fatoriais de cada Amostra, Subdividida em Função da Localidade

	MG	BA	SP
--	----	----	----

expressivos na demonstração de sentimentos positivos em relação a amigos e familiares, aspecto em que os do RJ e BA apresentaram os mais baixos valores.

Os dados descritivos para a análise do efeito do sexo sobre os escores fatoriais, nas diferentes amostras, são apresentados na Tabela 5.

As diferenças no F1 ocorreram para a amostra de MG ($t=2,062; p=0,042$), BA ($t=3,900; p=0,000$) e SP ($t=2,609; p=0,010$); no F4, somente para a amostra da BA ($t=3,243; p=0,002$) e no F5 para BA ($t=3,812; p=0,000$) e MG ($t=2,063; p=0,042$). As diferenças no F2, favoráveis ao sexo feminino, foram verificadas para a amostra de MG ($t=2,630; p=0,010$) e da BA ($t=-3,394; p=0,001$).

Com base nesses dados, podemos concluir que a influência do sexo parece ser maior entre os estudantes de Psicologia da Bahia e, em segundo lugar, entre os estudantes de Minas, onde ocorreu para maior número de fatores. As diferenças verificadas coincidem com as da amostra geral e da normativa em que se apóia o IHS-Del-Prette (Z. Del Prette & A. Del Prette, 2001), ou seja, superioridade masculina em F1 e F5 e feminina no F2, exceto que, entre os da Bahia, os homens apresentaram escores fatoriais significativamente maiores também no F4. É interessante observar que houve apenas uma diferença significativa de sexo para a amostra de São Paulo, referente a F1 e nenhuma entre os estudantes do Rio de Janeiro.

Os dados descritivos para a análise do efeito da idade sobre os escores fatoriais, nas diferentes localidades, são apresentados na Tabela 6.

Como se vê na Tabela 6, os dados descritivos das duas faixas de idade são, nominalmente, bastante semelhantes nas quatro amostras. A análise estatística das diferenças de idade foi favorável aos mais novos no F4 somente entre os estudantes de SP. Adicionalmente, foram encontradas duas diferenças no F5, porém

favoráveis aos mais velhos: na amostra do RJ ($p=-2,36$; $p=0,022$).

Conclu

Os resultados encontrados indicam diferenças entre as amostras, desempenho social aferido pelo ISES, emissão de reações socialmente condizentes, e destaca-se que, neste estudo, a análise das diferenças não inclui os aspectos de habilidades avaliadas (componentes de cada uma das habilidades sobrando) (enquanto indicador competência) de freqüência. Embora a freqüência de utilizadas para a avaliação do desempenho social seja sempre importante reconhecer os indicadores produzidos pelos diferentes autores, é importante considerar a multidimensionalidade do desempenho social (Borges & Z. Del Prette, 1999; Z. Del Prette & Borges, 2002).

Chama à atenção o padrão gerado, quanto à menor expressão positivos (F2) e negativos (F5) entre os de universitários, o que se mostra em as amostras do RJ (F2 e F5) e BA, menos duas explicações: a) um estereótipo do psicólogo como um controlado, que poderia ser reforçado, mesmo, constituir um fator dessa área de formação; b) déficit nessa área, que o curso não estaria suprindo. (Del Prette & Branco, 1992a) características do desempenho social.

Tabela 6

Dados Descritivos (N =Número de respondentes; M =Média) dos Escores Fatoriais de cada Amostra, Subdividida

Variável	MG		BA		SP	
	Dependente	Grupo	N	M	N	M

ser investigadas em estudos futuros, comparando-se o padrão apresentado pelos iniciantes e concluintes.

Essas diferenças poderiam também refletir valores e normas próprios dessas duas localidades que têm, em comum, o fato de serem cidades de grande porte, ao contrário das duas outras. Aqui, é interessante ressaltar que a amostra do RJ apresentou os escores mais altos nas habilidades assertivas de enfrentamento (F1), configurando portanto, um certo desequilíbrio entre a competência diante de demandas negativas e positivas. Pode-se levantar a hipótese de que, em grandes metrópoles em geral, e no Rio de Janeiro em particular, o estresse cotidiano, que gera maior preocupação com a integridade e segurança, pode restringir a expressividade de sentimentos positivos. Esta é uma questão a ser investigada comparando-se amostras de cidades grandes e pequenas.

O padrão de semelhanças identificado neste trabalho ocorreu tanto para o escore geral como para os escores fatoriais, sugerindo que a base cultural comum a essas localidades é mais determinante do que as eventuais diferenças entre subculturas, pelo menos em termos do auto-relato da freqüência de habilidades sociais. Essa base cultural comum certamente está relacionada a vários fatores, entre eles: a) a semelhança da língua, que estabelece um conjunto de regras para a comunicação, aqui se incluindo as formas de comunicação assertiva (Hargie, Saunders & Dickson, 1994); b) a alta migração e mobilidade populacional, gerando forte mesclagem de costumes e formas de relacionamento; c) os meios de comunicação que realçam e disseminam certos padrões de interação social. As telenovelas, por exemplo, oferecem modelos de desempenhos para diferentes situações, bem como variantes para pessoas de diferentes características demográficas. No caso das amostras situadas na faixa etária deste estudo, para as quais são bastante críticas as demandas afetivas, de trabalho e de constituição de vida independente, tais modelos podem ser especialmente efetivos.

Apesar do padrão geral de semelhanças, é interessante observar que há mais semelhança entre São Paulo e Minas e entre Rio de Janeiro e Bahia, do que entre esses dois subgrupos. No escore geral, enquanto os estudantes do Rio de Janeiro apresentaram valores mais altos no F1, os de Minas se destacaram

Nicotera & Rancer, 1994; Margalit & Eysenck, 1985; Sarsaron, Hacker & Basham, 1985, entre outras.

No entanto, considerando-se o efeito do sexo, verificou-se que São Paulo e Rio de Janeiro apresentaram um padrão menos diferenciado entre homens e mulheres, que as duas amostras restantes. É difícil explicar esse resultado, porém pode-se indagar se a educação dos jovens brasileiros viria incorporando as noções de igualdade e de direitos humanos de forma mais forte do que os jovens das outras localidades.

Dada a influência do sexo, pode-se dizer que a variável sexo não foi controlada (caso de localidades), mas os resultados acabaram refletindo mais fortemente o efeito típico dos estudantes de Psicologia. Embora a amostra de São Paulo fosse motivada pela preocupação de controlar o efeito sexo, pode-se esperar resultados diferentes em estudantes de cursos onde essa composição sexual é menor.

Na análise da influência da idade, praticamente não ocorreram diferenças. Pode-se considerar duas hipóteses: a) a faixa etária contemplada neste estudo foi suficientemente ampla para diferenciar os resultados, mas as diferenças passam a ser menores a partir da faixa etária de 25 a 34 anos. Esses aspectos sugerem questões para pesquisas futuras, como a identificação dos períodos do ciclo de vida em que as diferenças são mais salientes e até mesmo quando elas se tornam uma assimetria em determinada faixa etária.

Em resumo, os dados mostraram um padrão geral de semelhanças, com algumas diferenças somente pontuais, fornecendo indicadores adicionais para a validade da IHS-Del-Prett, pelo menos junto a estudantes universitários. No entanto, que não dispensa a necessidade de novos estudos, seja com o instrumento, seja com a finalidade de confirmar a validade dimensional em amostras oriundas de outras localidades, com o objetivo prático de ampliar os parâmetros de validade para sua utilização na avaliação clínica.

O exame mais detalhado do significado das diferenças encontradas neste estudo certamente envolve a consideração adicional das outras dimensões do conceito de competência social, o que poderia ser feito com o uso de outras escalas de avaliação.

de aprofundar a análise das diferenças entre essas amostras e subgrupos.

A natureza situacional-cultural das habilidades sociais tem sido amplamente reconhecida na literatura (Argyle, 1984; 1994; Bryant, & Trower, 1974; Furnham, 1979; Trower & cols, 1978, entre outros), mas pode-se argumentar que é ainda insuficientemente sustentada por dados empíricos sobre padrões característicos do desempenho social de diferentes grupos culturais. Este estudo, ainda que essencialmente exploratório e preliminar em nosso país, constitui uma tentativa de contribuição para a ampliação de tais dados. Entende-se que um maior investimento nessa temática remete não somente a questões metodológicas ligadas ao aperfeiçoamento de instrumentos de avaliação, mas também a questões relativas à própria estrutura dos conceitos de habilidades sociais e de competência social.

Referências

- Abarca, N. & Hidalgo, C. G. (1989). Evaluación psicométrica de habilidades sociales en jovens universitarios Chilenos. *Revista Análisis del Comportamiento*, 4, 51-62.
- Argyle, M. (1984). Some new developments in social skills training. *Bulletin of the British Psychological Society*, 37, 405-410.
- Argyle, M. (1988). *Bodily communication* (2nd ed.). Methuen: London
- Argyle, M. (1994). *Psicología del comportamiento interpersonal*. Madrid: Alianza Universidad. (Original publicado em 1967)
- Ayres, L. S. M. (1994). *Uma escala brasileira para a medida da assertividade*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, RJ.
- Bandeira, M. (1999). Competência social de psicóticos: Parâmetros de treinamento para programas de reabilitação psicossocial (Parte II). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 48, 191-195.
- Bandeira, M. & Tremblay, L. (1998). Competência social de psicóticos: Um estudo de validação social. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 47, 185-192.
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Gerk-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): Estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5, 401-419.
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Bresnahan, M. J., Shearman, S. M. & Lee, S. Y. (2002). Personal and cultural differences in responding to criticism in three countries. *Asian Journal of Social Psychology*, 5, 93-105.
- Bryant, B. & Trower, P. (1974). Social difficulty in a student sample. *British Journal of Psychology*, 63, 103-110.
- Chandler, T., Cook, B. & Dugovic, D. (1978). The concept of assertiveness. *Psychological Reports*, 43, 39-44.
- Del Prette, A. (1978). O treino assertivo na formação do psicólogo. *Revista de Psicología Aplicada*, 30, 53-55.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia social: para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Barreto, M. (1999). *Psicología social: en la formación del psicólogo: Análisis de las competencias*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Brancato, M. (2001). *Psicología social: formación do psicólogo. Paidéia: Cadernos de Psicologia*, 12, 27-47.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Brancato, M. (2001). *Psicología social: estudo de psicología. Revista de Psicología*, 20, 1-12.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicología social: educación*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001). *Psicología social: Manual de aplicación, apuración e interpretación*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001). *Psicología social: crianças com um inventário multimídia à frequência versus dificuldade*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Brancato, M. (2001). Um levantamento de situações críticas de assertividade. In: *Em Associação Brasileira de Psicologia: Psicólogo Escolar: Identidade e Perspectivas: Anais do 1º Seminário de Pesquisa e Educacional*. (pp. 384-387). Campinas: Ed. Unicamp.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Correia, M. (1999). Um estudo comparativo entre alunos de Psicologia e de Engenharia Mecânica. *Psicólogo Escolar: Identidade e Perspectivas*. (pp. 384-387). Campinas: Ed. Unicamp.
- Falcone, E. O. (1998). *Avaliação de um programa de assertividade*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Fray, J. S., & Hector, M. A. (1987). The assertiveness scale: A cross-cultural perspective. *International Journal of Psychology*, 10, 103-110.
- Furnham, A. (1979). Assertiveness in three cultures: A cross-cultural comparison. *Journal of Clinical Psychology*, 35, 103-110.
- Furnham, A. (1993). Communication in foreign cultures: A comparison of English and Chinese. *Language and communication*, 15, 1-15.
- Galassi, J. P., Delo, J. S., Galassi, M. D. & Galassi, P. M. (1998). The assertiveness expression scale: A measure of assertiveness. *Journal of Clinical Psychology*, 54, 103-110.
- Gerk-Carneiro, E., Alves, L. H. J., Ziviani, C. M. & Araújo, L. B. (2001a). Estudo comparativo entre alunos de Psicologia e de Administração. In: *Sociedade Brasileira de Psicologia: XXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia: Resumos*. Em Sociedade Brasileira de Psicologia: XXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia: Resumos. São Paulo: SBP.
- Gerk-Carneiro, E., Alves, L. H. J., Ziviani, C. M. & Araújo, L. B. (2001b). Sondagem sobre a assertividade. In: *Sociedade Brasileira de Psicologia: XXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia: Resumos*. São Paulo: SBP.
- Gerk-Carneiro, E., Alves, L. H. J., Ziviani, C. M. & Araújo, L. B. (2001c). Sondagem sobre a assertividade. In: *Sociedade Brasileira de Psicologia: XXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia: Resumos*. São Paulo: SBP.

- Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington, USA.
- Margalit, M. & Eysenck, S. (1990). Prediction of coherence in adolescence: Gender differences in social skills, personality, and family climate. *Journal of Research in Personality*, 24, 510-521.
- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*, 4, 1-33.
- Nicotera, A. M. & Rancer, A. S. (1994). The influence of Sex on self-perceptions and social stereotyping of aggressive communication predispositions. *Western Journal of Communication*, 58, 283-301.
- Nikura, R. (1999). The psychological process underlying Japanese assertive behavior: Comparison of Japanese with Americans, Malaysians and Filipinos. *International Journal of Intercultural Relations*, 23, 47-76.
- Rathus, S. A. (1973). A 30-itemschedule for assessing assertiveness. *Journal of Therapy*, 4, 398-406.
- Sarason, B. R., Sarason, I. G., Hacker, T. A. & Basham, R. (1983). The assessment of social support: Social skills, physical attractiveness, and personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 469-480.
- Trower, P., Bryant, B. & Argyle, M. (1978). *Social skills and social support*. Methuen.
- Wood, P. S. & Mallinckrodt, B. (1990). Culturally sensitive assessment of social support for ethnic minority clients. *Professional Psychology: Research and Practice*, 21, 37-43.
- Yashima, T. & Tanaka, T. (2001). Roles of social support in the intercultural adjustment of Japanese adolescents. *International Journal of Psychological Reports*, 3(2), 1201-1210.

Sobre os autores

Zilda A P. Del Prette é Psicóloga, Pós-doutora pela *University of California, Berkeley*. É Professora da Universidade Federal de São Carlos.

Almir Del Prette é Psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. É Professor da Universidade Federal de São Carlos.

Marina Bandeira é Pós-doutora pelo *Centre de Recherche Fernand Seguin - Université de Montréal*, Canadá. É Professora da Universidade Federal de São João Del Rei.

Maria Refugio Rios-Saldanha é Professora da *Universidad Nacional Autónoma do México*.

Ana Lúcia Alcântara Oliveira Ulian é Psicóloga e Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. É Professora da Universidade Federal da Bahia.

Eliane Gerk-Carneiro é Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas. É Professora da Universidade Estácio de Sá.

Eliane Mary de Oliveira Falcone é Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. É Professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Maria Cecília Mendes Barreto é Estatística e Pós-doutora pela *The University Of Nottingham*, Inglaterra. É Professora da Universidade Federal de São Carlos.

Miriam Bratfisch Villa é Psicóloga e Doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.